



RELATOS E REPERCUSSÃO SOBRE A OFICINA (PALOP) NA ESCOLA BRUNILO JACÓ

Mário Isabel Fernando¹
Douglas Wigner Brasil Maia Coutinho²
Vanessa Rodrigues Fuma³
Juliana Geórgia Gonçalves De Araújo⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo de relatar a repercussão da oficina administrada na Escola Brunilo Jacó, cujo a temática PALOP. Com isso, perspectiva construir e desconstruir sobre a realidade que têm sobre o continente africano, especialmente dos Países Africano de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Para isso, trabalhamos com alguns autores que contribuirão nesse trabalho e que ajudarão no embasamento dessa temática, tais autores são: (ABDULA, TIMBANE e QUEBI, 2017), Boni e Quaresma (2005), Creswell (2007), Gil (2007) e (Timbane e Quiraque, 2019). Sendo assim, levando em consideração o nosso objetivo pretendido, procuraremos demonstrar as variedades linguísticas, culturais, étnicas e des/construir a realidade que têm sobre a África, dando ênfase ao PALOP. Contudo, já existiam várias obras e estudos que estão contribuindo num trabalho que visa desconstruir os estereótipos sobre o continente africano. Portanto, vale-se desta pesquisa do caráter qualitativo, teórico -bibliográfico e semi-estruturada. Dessa forma, este trabalho conclui-se que existem resultados positivos acerca da oficina.

Palavras-chave: diversidade; PALOP; educação; cultura.

UNILAB, Instituto de Linguagens e Literaturas , Discente, isabelfernando1996@gmail.com¹
ESCOLA ENSINO MÉDIO BRUNILO JACÓ, REDENÇÃO, Docente, douglas.brsil@gmail.com²
UNILAB, INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS, Discente, rodriguesfevanessa@gmail.com³
UNILAB, Instituto de Linguagens e Literaturas , Docente, jgeorgia.araujo@gmail.com⁴



INTRODUÇÃO

Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São-Tomé e Príncipe, que atualmente são designados como os países africanos da língua portuguesa (PALOP), são ex-colônia portuguesa que tomaram e conquistaram as suas independências entre 1974 a 1975.

Todavia, antes da invasão dos portugueses no Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, a população já se comunicavam com as suas línguas nativas. De acordo com ABDULA, TIMBANE e QUEBI, pág30, 2017, “com a chegada do sistema colonial, as línguas africanas passaram a ser desvalorizadas. A educação colonial privilegiava o português, ensinando o povo africano a ler e a escrever”.

Entretanto, a realidade que se parece nos mundos diaspóricos ou eurocêntricas só se falam dos africanos ou a África, colocando o continente como se fosse um país, silenciando assim, as suas culturas e valores nacionais que cada países africanos tem, no qual os PALOPs fazem parte. Dessa forma, surge a necessidade de se falar e consciencializar que a África não é um país, mas sim um continente.

Nessa ocasião, o nosso trabalho objetivou em esclarecer as variedades linguísticas, culturais, étnicas e des/construir a realidade que têm sobre a África.

No entanto, a escolha do tema deste trabalho se deu por justificar a nossa visão e vivência cá no Brasil (Escola Brunilo Jacó) e sobre o conteúdo irrelevantes que a mídia fornece sobre os países africanos e de pouco conhecimentos que os alunos se demonstram ter na sala de aula quando se refere a África. Além disso, justifica-se também, por sermos africanos das nacionalidades distintas e que conhecem as duas realidades diferentes, no caso Angola e Guiné-Bissau.

Para isso, apresentamos três tópicos na nossa oficina e trabalhamos de forma expositiva com os alunos. Na nossa primeira abordagem, tratamos da Sigla do PALOP, em que apresentamos os países que se compõe e os processos da colonização que estes passaram. Na segunda abordagem ou o segundo tópico tratamos das independências e problemas políticos que se entram no desenvolvimento desses países e por último, falamos das diversidades e valores culturais, variação linguísticas, étnicas e religiosa dos países que se compõe o PALOP.

Portanto, são estes tópicos que pretendemos debruçar neste trabalho, dando ênfase aos nossos objetivos e tendo eles como elemento essencial para nos alinhar na nossa fundamentação. Com isso, cada tópico será abordado com base nos nossos objetivos pretendidos.

METODOLOGIA

Dispostos para ensinar e desconstruir os estereótipos sobre o continente Africano, principalmente no contexto dos Palops, por isso utilizamos a abordagem qualitativa. Para Creswell (2007), abordagem qualitativa deve utilizar diferentes fontes de conhecimentos. Além disso, este trabalho visa adquirir um conhecimento amplo do tema. Com isso, foi trabalhado a pesquisa bibliográfica. De acordo com o Gil (2007), a pesquisa bibliográfica está baseada no estudo das literaturas já existentes sobre o tema. Para isso, utilizamos artigos científicos e dissertações para encontrarmos os resultados pretendidos neste trabalho.

Por outro lado, utilizamos entrevistas semi-estruturadas. Para Boni e Quaresma (2005), as entrevistas semi-estruturadas determinam questionários abertos e fechados que facilitam aos entrevistados expor as suas ideias sobre o assunto. Essa forma de coleta de informações facilita uma abordagem única sobre a compressão da oficina da por nós sobre PALOP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Uma questão importante que se coloca aqui, é o fato de que os alunos não familiarizem com a história real da África. Na oficina dada sobre os PALOP, percebe-se esse desconhecimento da história e um único discurso sobre o continente, assim como diz a grande escritora nigeriana Chimamanda “o perigo de uma história única”. Ou seja, a história que os alunos contam é que na África existe pessoas pobres, animais ferozes e doenças.

Diante disso, faz-se necessário ensinar e desconstruir esse pensamento e mostrar os valores que os países africanos têm, principalmente fazer com que eles se entendam que a África é um continente com 54 países. Por outro lado, centramos o nosso discurso nos países que compõe PALOP, no qual têm a única língua oficial português.

Evidenciando assim, de acordo com ABDULA, TIMBANE e QUEBI, 2017, mostram que a diversidade linguística é um dos fatores que fez com que o português falado nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa fosse diferente do português falado dentro do Portugal.

Diante do exposto, nota-se que essa concepção não é bem compreendida aos alunos, com isso torna-se importante mostrar que as diversidades linguísticas existentes no português dos países Africanos de Língua Oficial Portuguesa fez com que houvesse um afastamento com a norma-padrão Europeia.

A falta de investimentos e políticas por parte dos governantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, faz com que o desenvolvimento em diferentes setores desses países estejam no lugar em que se encontram. Para ABDULA, TIMBANE e QUEBI:

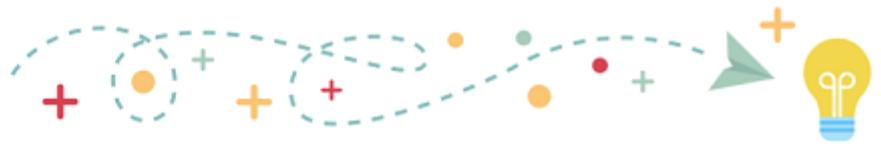
Acerca disso, o uso de uma língua desconhecida aos alunos no espaço escolar tem criado muitos problemas, dentre os quais se podem apontar as reprovações em massa como o principal. Adiciona-se a essa situação : i) o fraco investimento por parte dos Governos na área da Educação; ii) a distância entre a escolas dos alunos e a escola, principalmente nas áreas rurais; iii) turmas superlotadas e fraca formação dos professores ; e iv) a pobreza absoluta.(ABDULA, TIMBANE e QUEBI, pág28, 2017).

No entanto, a pobreza que tem sido demonstrado na mídia sobre o continente compreende-se que não está literalmente no próprio continente, mas sim, na administração dos próprios governantes, principalmente do contexto em que estamos a tratar.

No tocante a língua, surgiu algumas questões por parte dos alunos que se demonstram poucos conhecimentos e preconceito sobre a língua portuguesa e outras línguas étnicas que se falam nesses países. Com isso, faz-se necessário explicar que além da língua portuguesa, cada um dos países do PALOP têm várias línguas étnicas, e que essas línguas influenciaram diretamente no português que se fala nesses países. Timbane e Quiraque, afirma que:

O português brasileiro, angolano, moçambicano e por aí em diante são variedades do português, e estas variedades linguísticas identificam um povo e ao mesmo tempo a sua cultura. Já que a língua pertence ao social e cada indivíduo usa-a de forma particular, é importante sublinhar que a literaturas moçambicana, angolana, cabo verdiana, brasileiro, etc. são ricas em traços linguísticos que ocorrem naquelas variedades do português. (Timbane e Quiraque, pg. 234, 2019).

Portanto, percebe-se que não se pode falar da língua e sem falar da cultura, portanto não existe uma única forma de falar, cada país é rico nas suas diversidades linguísticas que se compõe.



CONCLUSÕES

Infere-se, portanto, que a oficina administrada na Escola Brunilo Jacó repercutiu significativamente no seio dos alunos e não só, até aos professores que lá estiveram apreciando o trabalho. Durante a oficina, notou-se que os alunos desconheciam de muitas palavras do português do Brasil são provenientes das línguas nativas dos países africanas. Por outro lado, após o término da Oficina, uma das professoras de Língua Portuguesa achou muito importante o tema abordado e pediu para que fosse administrada dentro da sala de aula. Conclui-se que, é preciso um trabalho das pessoas africanas no sentido de enaltecer as suas culturas, línguas e desconstruir o preconceito que está sendo colonizado no currículo da educação sobre o continente africano, com isso, um trabalho desse tipo, ajudará muitos alunos a se desconstruir e começar a respeitar e valorizar outras culturas.

AGRADECIMENTOS

Em primeira instância agradecemos aos nossos ancestrais, a nossa coordenadora do subprojeto PIBID - UNILAB Letras- língua Portuguesa Dra. Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo, ao nosso orientador Douglas Wigner Brasil Maia Coutinho, a nossa monitora Maria Josiane e aos nossos colegas do subprojeto. Queríamos dizer que somos gratos por estar compartilhando momento incríveis com vocês, um obrigado não chega. Gratidão!

REFERÊNCIAS

- ABDULA, Rajabo Alfredo Mugabo; TIMBANE, Alexandre António; QUEBI, Duarte Olossato. As políticas linguísticas nos PALOP e o desenvolvimento endógeno. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, n. 31, p. 21-44, 2017.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005*, p. 68-80 www.emtese.ufsc.br.
- CRESWELL, John W. PROJETO DE PESQUISA: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução.
- GIL, António Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- TIMBANE, Alexandre António; QUIRAQUE, Zacarias Alberto Sozinho. Língua ou línguas portuguesas? a variação linguística e ensino nos países lusófonos. *Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade*, v. 6, p. 230-250, 2019.